

dos pelo diretor do Departamento de Programa Nacional Imunização (DPNI), Eder Gatti, quando se refere às mudanças dos dados da vacinação, principalmente do grupo infantil.

Cobertura nacional

Um artigo publicado pelo Instituto Fiocruz, em 2019, explica a trajetória das campanhas de vacinação no Brasil, que começaram em 1961, com a regulamentação do Código Nacional de Saúde. No mesmo ano, experimentos da vacinação oral contra a poliomielite foram desenvolvidos no sudoeste brasileiro — Rio de Janeiro e São Paulo.

No ano seguinte, entra a campanha contra a varíola, que só deixou de ser obrigatória depois da sua erradicação em 1971, mas, ainda assim, não eram programas fortes o suficiente para proteger a população das doenças imunotransmissíveis. Apenas em 1980 temos a primeira campanha de vacinação contra poliomielite que, de fato, erradicou a doença.

O diretor do Departamento de Programa Nacional Imunização (DPNI), Eder Gatti, diz que o Brasil se tornou referência no que faz, pelo aprimoramento das campanhas ao redor do território nacional. O acúmulo de experiências advindas dessas estratégias, além de erradicar, diminuiu a proliferação de doenças que ainda estão presentes nos dias atuais, a exemplo do sarampo.

“A criação do Sistema Único de Saúde (SUS) também atuou muito para que a vacinação chegasse aos extremos brasileiros, dando estrutura para as campanhas e permitindo a consolidação de um programa amplo”, afirma o diretor. “O cenário era de altíssima cobertura, consolidada na segunda metade dos anos 1990 até meados de 2010.”

Orgulho do Zé Gotinha

Com um cartão de vacinação impecável, a produtora autônoma Sabrina Vieira Tosi, 26 anos, tem orgulho de dizer que, mesmo morrendo de medo de agulhas, não perde uma campanha. O hábito começou na infância. A mãe de Sabrina costumava fugir do Dia D e das filas, acordava a filha mais cedo em algum dia da semana de vacinação e a levava para ser imunizada antes das aulas. “Além de evitar as filas, ela nunca queria que eu perdesse a aula. Só isso poderia ter sido um pouco diferente, ter uma folga depois da dor”, brinca a produtora.

Ao chegar na UBS 01, do Lago Sul, o posto em que tomou todas as vacinas da infância e o que frequenta até hoje, Sabrina lembra do olhar feliz e orgulhoso da mãe. “As enfermeiras diziam que minha carteirinha era linda, toda completa,



e elogiavam muito minha mãe, dizendo que ela cuidava muito bem de mim.”

Apesar do sabor amargo das gotinhas e da dor da famosa “picadinha”, as lembranças que ficaram marcadas para Sabrina foram as positivas, o momento com a mãe e o pirulito que ganhava quando se comportava bem.

Quando começou a dirigir para ir à faculdade, por volta dos 20 anos, ela recebeu também a responsabilidade de se vacinar sozinha, o que sempre levou muito a sério. Ela ia morrendo de medo e rindo de si mesma vendo as crianças se vacinando sem tanto pavor, mas nunca deixou passar uma campanha.

“Nunca passou pela minha cabeça não me vacinar. Sempre fui muito cuidadosa com a minha saúde, com exames, médicos. Prevenir é sempre minha prioridade, e as vacinas são um dos aspectos mais importantes desse cuidado

com a própria saúde e com o coletivo”, afirma.

Sempre que vai ao posto, por ficar confusa com as anotações no cartão, ela se certifica de que nada está faltando e, se tiver, já aproveita e atualiza tudo. O cuidado com a saúde já rendeu até uma vacina desnecessária. Depois de uma consulta de rotina no ginecologista, ela e a mãe fizeram um check-up, e Sabrina descobriu que seus anticorpos contra a hepatite B estavam em baixa. “Fui e tomei um reforço, mas logo depois descobrimos que esse era o exame da minha mãe e ela precisou ir tomar também”, conta, rindo.

E a mentalidade da produtora não mudou com a chegada das vacinas da covid-19. “Estava naquele time dos ansiosos pela vacina, entrei em listas de xepa e fiquei radiante quando finalmente pude tomar as minhas doses”, completa.

***Estagiária sob a supervisão de Sibele Negromonte**